

## A OUTRA FACE DE DEUS: AS REPRESENTAÇÕES DA IDEIA DE CASTIGO DIVINO NO GRUPO “PENITENTES PEREGRINOS PÚBLICOS” EM JUAZEIRO DO NORTE-CE

ROBERTO VIANA DE OLIVEIRA FILHO\*

### 1 – Introduzindo o medo: a ideia de castigo divino no imaginário católico.

“A Ira de Deus se manifesta do alto do céu contra toda impiedade e perversidade dos homens, que pela injustiça, aprisionam a verdade” (Romanos, 1, 18).

Certamente a ideia da ira divina não é característica exclusiva do catolicismo. A maioria das grandes religiões que existem e existiram durante o curso da história da humanidade acabam por utilizar esse artifício de convencimento. O que torna então, esse sentimento tão forte a ponto de ser assimilado pelo Cristianismo e suas vertentes? A eficácia de seus resultados<sup>1</sup>.

A ideia de punição gera medo, e esse estado de temor é responsável por modificações mentais e físicas nos seres humanos. Jean Delumeau, em já consagrada obra na historiografia: “História do Medo no Ocidente” faz um relato sobre os efeitos que o medo causa organicamente/biologicamente em uma pessoa:

[...] aceleração dos movimentos cardíacos ou sua diminuição, respiração demasiadamente rápida ou lenta, contração ou dilatação dos vasos sanguíneos, hiper ou hipossecção das glândulas, constipação ou diarreia, poliúria ou anúria, comportamento de imobilização ou exteriorização violenta. E completa: Ao mesmo tempo manifestação externa e experiência interior, a emoção do medo libera, portanto, uma energia desusada e a difunde por todo o organismo. (DELUMEAU, 1989: 30)

Contudo, esse quadro clínico deve ser utilizado com cautela no âmbito do coletivo/social. Como afirma o próprio Delumeau, essa palavra possui dois significados. Pode designar uma multidão – arrebatada em debandada, ou sufocada de apreensão em

---

\*Graduando em História pela Universidade Regional do Cariri, membro do LABIHM (Laboratório de Imagem, História e Memória) da mesma instituição. Link diretório de grupos de pesquisa <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalheest.jsp?est=5746682686852335>. Orientado pelo professor Jucieldo Ferreira Alexandre, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba. Professor substituto na Universidade Regional do Cariri.

<sup>1</sup> Por eficácia, entendo a capacidade desse tipo de sentimento adentrar tão íntimo na mente das pessoas a ponto de mudar sua rotina de vida e criar mecanismos para burlar a ira de Deus.

consequência de um sermão sobre o inferno; ou significa também um homem qualquer na qualidade de amostra anônima de um grupo, para além das especificidades das reações pessoais de tal ou tal membro do grupo (DELUMEAU, 1989: 31).

Interessa-nos muito nessa abordagem o primeiro significado de coletivo, pois trabalha diretamente com o imaginário popular (local metafísico onde as sensações, vivências e opiniões ficam gravadas) e é aonde, ainda como afirma Delumeau, os humanos são mais sensíveis à ação dos chefes do que seriam as unidades isoladas que os compõem; por que é exatamente neste momento em que alguns caracteres da psicologia de uma multidão podem ser observados: sua capacidade de ser influenciável, o caráter absoluto de seus julgamentos e o enfraquecimento ou perda do espírito crítico (IDEM: 31-32).

Tendo como base essa descrição dos efeitos da ideia de “castigo divino” em uma organização coletiva, podemos partir para a análise de como esse pensamento foi introduzido no Brasil e utilizado para forçar a absorção da religião Católica entre as comunidades nativas que aqui habitavam no século XVI.

Apesar de nos primeiros séculos de contrarreforma a Igreja não tomar uma postura missionária e de expansão da fé católica, como afirma Ronaldo Vainfas em seu trabalho *Trópico dos Pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*, “foi a partir do século XVII que a perspectiva mundial da Contrarreforma adquiriu contornos institucionais com a criação da Sagrada Congregação da Propaganda da fé que buscou supervisionar, orientar e financiar a obra no mundo descoberto” (VAINFAS, 2010: 39). Com essas medidas (e mesmo antes delas) as terras do Novo Mundo eram atraentes para aumentar o número de cristãos católicos. Interessa-nos aqui o **artifício** utilizado para essa “conversão”. Segundo Antônio Dari Ramos:

No processo de internalização de condutas sociais, assume relevância o uso de sanções. Valemo-nos aqui das idéias de Fredrik Barth, para quem elas são importantes para criar adesão a valores específicos dos grupos sociais. Fazemos uso também das análises de Foucault, para quem o castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios, devendo, portanto ser essencialmente corretivo, dentro daquilo que chamou de “sanção normalizadora”. Transpondo essas análises para o mundo do guarani reduzido, esperava-se que o indígena aceitasse e vivesse a conduta ocidental cristã, abandonando seu antigo modo de ser. Para isso, tanto o **uso de castigos físicos quanto a ameaça de castigos divinos** tinha a função de prevenir transgressões, criando adesão aos valores pregados pelos missionários (RAMOS, 2007: 2).

Mesmo quase três séculos depois das pregações jesuíticas sobre o “castigo divino”, podemos encontrar evidências da *eficácia* desse tipo de ensinamento nas comunidades religiosas do Cariri Cearense desde o século XIX até o século XXI. É bastante clara a ressonância desse tipo de ensinamento nos grupos de penitentes que surgiram no Ceará a partir do século XIX. O aparecimento desses grupos (e a intensificação de suas práticas) está intimamente ligado com o medo e o desespero gerado por catástrofes naturais, epidemias, interpretados como resultados da ira de Deus. Em 1862 uma terrível epidemia de cólera-morbo ceifou 1100 vidas na cidade do Crato, no interior do Ceará, e esse episódio gerou nas pessoas pânico, medo e um sentimento de que elas deveriam penitenciar-se para “acalmar” a ira de Deus sobre elas. O historiador Jucieldo Ferreira observou como a permanência do cólera-morbo ocasionou a efervescência de práticas religiosas populares no Ceará:

Celebrações de cunho penitencial também tomaram as ruas, amparadas no imaginário da peste como castigo divino, uma das mais antigas representações que buscam explicar o fenômeno doença. [...] Relatos de penitentes a se flagelar nas ruas no intuito de abrandar a Ira dos Céus ou de celebrações pias realizadas nos templos, também se deram em outros pontos da província, o que demonstra como a epidemia amedrontou àquelas pessoas. (ADAM & HERZLICH apud ALEXANDRE, 2010).

Ana Chistina Farias de Carvalho, em seu trabalho *Sob o signo da fé e da mística: estudo das irmandades de penitentes no Cariri cearense*, afirma que “em 1850, no Crato, surgia a companhia dos serenos, penitentes que se flagelavam, pois missionários católicos haviam profetizado o fim do mundo.” (CARVALHO, 2011: 28).

Escolhemos trabalhar com uma irmandade de penitentes por considerar que esses grupos organizam uma síntese de ações e manifestações que estão totalmente ligadas ao pensamento de castigo divino. Carvalho entende os penitentes da seguinte forma (iremos nos valer da definição quando nos referirmos aos mesmos):

Penitentes são integrantes de Irmandades (de leigos não oficializados) que se penitenciam com vistas a salvação individual e coletiva, auto-infligindo castigos corporais e/ou psicológicos (autoflagelação através de chicotadas, dança votiva, mendicância itinerante, longas caminhadas acompanhadas de orações e benditos, privações materiais, entre outras práticas); obedecem a um líder espiritual (mestre, decurião); praticam um catolicismo devocional e são agentes de um campo religioso que professa uma determinada visão de mundo – a salvação por mortificação corporal e/ou espiritual (CARVALHO, 2011: 14).

Ainda segundo Carvalho, o imaginário dos penitentes é uma mescla de vários elementos do catolicismo, crenças populares e ensinamentos apregoados por líderes religiosos de cunho popular como o Padre Cícero, Frei Damião e o Padre Ibiapina. Este último, no século XIX, era o editor de um semanário intitulado “A voz da religião no Cariri”, em circulação de 1868 até 1870, que tinha como função fazer chegar ao povo o que a Igreja determinava e como deveria ser a vida do verdadeiro católico. Em um domingo, 20 de dezembro de 1868, a capa editorial desse semanário trazia um texto intitulado “A Religião” que nos interessou pela ênfase dada aos castigos contra os transgressores da fé.

A Religião é o vínculo que aproxima a criatura do criador, o equilíbrio que sustenta a humanidade em seu movimento, a razão da ordem que harmoniza a sociedade inteligente.

Todo ser pensante compreende e sente os efeitos dessa lei natural, suprema e imortal que Deus tem traçado como linha de conduta no caminho de sua existência.

Violar seus preceitos, desprezar os seus dogmas importa, pois o rompimento deste laço de união entre Deus e o homem, a perda do equilíbrio social e a destruição de toda a ordem moral, e a revolta contra o poder que a estabeleceu.

Daqui resulta necessariamente o **castigo do transgressor** para o restabelecimento da ordem, porque a pena, como diz Bossuet, retifica a desordem.

<Que se peque é uma desordem, mas que haja punição quando há pecado é a regra>

<**Pelo castigo**, portanto o homem volta à ordem onde sairia pela transgressão>

O grupo de penitentes que decidimos estudar, Os Penitentes Peregrinos Públicos, situados no bairro Tiradentes na cidade de Juazeiro do Norte, CE, agrupa nas suas práticas e discursos bastantes elementos de cada questão debatida até aqui. É incrível a possibilidade de navegar pelo universo desses homens e mulheres que dedicam a sua vida para a causa da fé, e mais fascinante ainda é perceber o quão profundo um pensamento de duração histórica pode chegar na vida de uma pessoa ou de um conjunto delas.

## 2. A força do medo, a força da fé: Os Aves de Jesus

Entre o calor das velas e o espaço apertado em meio a lápides, flores, cruzes, jazigos, e uma multidão de pessoas que visitavam o Cemitério do Socorro na cidade de Juazeiro do Norte, interior do Ceará, destacava-se com suas roupas azuis e barba longa um homem de voz firme e rouca, aparentando ter por volta de cinquenta anos de idade que fazia pregações sobre a “santa missão”, a “missão do senhor vivo”. Mostrava enfaticamente um livro volumoso, de capa preta, segurando-o com força como se fosse um escudo.

Era dia 02 de Novembro de 2012, um dia de finados, momento especial no calendário católico, cheio de significados para o imaginário popular. O senhor de roupas azuis estava no centro do cemitério fazendo pregações de cunho místico, apocalíptico e arrebatava de entusiasmo quem por ventura passasse por ali. O seu nome é João José Aves de Jesus e ele é um Penitente Peregrino Público. Buscamos compreender as práticas e modo de visão de mundo desses penitentes, tendo como ponto de partida **a ideia dos castigos divinos** como uma espécie de motor que faz o penitente trilhar a sua vida.

Para analisar esse grupo, nós iremos nos valer tanto da fala dos próprios penitentes, coletadas em entrevistas feitas por nós no ano de 2012, como no trabalho de Ana Chistina Farias de Carvalho, que acompanhou os Penitentes Peregrinos Públicos em uma pesquisa de campo nos anos de 1998, 1999, 2002. Um estudo importante que também será incluído é o da Missão Abreviada, livro que os penitentes usam como uma relíquia, e os ensinamentos assimilados pelo grupo de líderes carismáticos religiosos da região como o Padre Cícero e Padre Ibiapina.

Nesse trabalho, usarei tanto a nomenclatura “Aves de Jesus” quanto “Penitentes Peregrinos Públicos” para me referir a esse grupo de penitentes. Optei por mesclar entre essas duas opções por que é assim que os próprios membros do grupo se apresentam. Os Homens são todos José Ave de Jesus e as mulheres Maria Ave de Jesus. Quanto indagado sobre qual seria o verdadeiro nome do grupo, o penitente João José Aves de Jesus, assim respondeu: “é esse aqui ó: (apontando para uma bandeira que carrega e que contém vários símbolos e letras) P. P. P. penitente peregrino público, que é a missão de nosso senhor”<sup>2</sup>

Os rituais de penitência modificam-se no tempo, contexto e localidade. Alguns se flagelam com objetos cortantes enquanto cantam, outros carregam objetos pesados em longas caminhadas, dançam exaustivamente, privam-se de bens materiais e confortos “terrenos”. Os Penitentes Peregrinos Públicos pertencem a esse último grupo, segundo Carvalho:

[...]tem como meta (os penitentes peregrinos públicos) básica a redenção ou salvação através da penitência. Tal propósito exclui qualquer tipo de conforto material: não possuem energia elétrica nem água encanada em suas moradas, não dão muita importância a higiene pessoal como formalmente entendemos, não

---

<sup>2</sup> Entrevista realizada no dia 02 de Novembro de 2012 no cemitério do socorro em Juazeiro do Norte com o penitente João José Aves de Jesus. Em anexo foto da bandeira citada.

trabalham e não aceitam dinheiro, nem como esmola, não fumam, dançam ou bebem, só andam a pé, não são alfabetizados (CARVALHO, 2011: 41).

Fica evidente então, a força com que a ideia de castigo divino chega ao imaginário desse grupo de pessoas. Apesar de muito forte no imaginário da cristandade católica, o temor a *ira divina* desenvolve-se com mais eficácia nesse grupo; acreditamos que muito desse reforço aos castigos de Deus deva-se tanto aos discursos do Padre Cícero, santo de principal devoção para o grupo, tanto como pela assimilação das teorias inclusas na “Missão Abreviada”, o livro que o penitente tremia freneticamente como um escudo, citado anteriormente.

O livro supracitado foi escrito em 1859 pelo padre Manoel Gonçalves Couto, e usado com muita frequência pelos missionários jesuítas e capuchinos que vieram para o nordeste com ânsias à catequização. Muito do aparato ideológico das comunidades religiosas não oficiais, que surgiram no nordeste, está ligado diretamente a Missão Abreviada, um livro que tinha o propósito de “despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar o fructo das missões”<sup>3</sup>.

Segundo Jucieldo Alexandre e Edianne Nobre, existe um sentido claro de vigilância e penitência constante enfatizado no texto, tendo como “intuito de que, quando chegar ao fim de sua vida terrena – *como, onde e quando, só deus sabe* -, alcance a salvação e a vida eterna”, e completamos, livre-se do castigo eterno de Deus: o inferno. Na missão abreviada, o inferno é descrito de forma tão temerosa que seria muito difícil não ser perseguido por tal imagem:

[...] o inferno é um lugar no centro da terra; é uma caverna profundíssima, cheia de escuridão, de tristeza e horror, é uma caverna cheia de lavaredas de fogo, e de nuvens de espesso fumo. Lá são atormentados os pecadores na companhia dos demônios; lá estão bramindo e uivando como cães danados, proferindo terríveis blasfêmias contra Deos. Oh! Quanto perderam aqueles infelizes, [...] só não perderam a vida para sentirem tantas e tão grandes perdas por toda a eternidade (COUTO, 1868: 78-79).

---

<sup>3</sup> O artigo de Jucieldo Ferreira Alexandre e Edianne dos Santos Nobre, intitulado “A Missão Abreviada: práticas e lugares do bem morrer na literatura espiritual portuguesa da segunda metade do século XIX” é muito valioso para compreender as representações elaboradas a partir do livro do Padre Manuel Couto e suas apropriações tanto das práticas fúnebres como no imaginário católico popular.

Outro fator importante que os penitentes assimilam em suas práticas, são os ensinamentos do Padre Cícero. Esse santo popular, no imaginário do penitente, carrega um significado extremamente forte, que está ligado desde a origem do grupo até o momento atual, completa: “Segundo mestre José, foi *meu Padim Ciço* que colocou em seu coração a vontade de peregrinar para Juazeiro do norte”. (CARVALHO, 2011: 44). Para os penitentes, o Padre Cícero age como uma espécie de profeta e que seus ensinamentos devem ser seguidos sem contestação. O principal documento deixado pelo Padre Cícero que os penitentes seguem é a “Machadinha de Noé”<sup>4</sup>; uma carta que avisa aos seus “filhinhos” sobre a iminência do fim dos tempos, e a constante vigilância que deve ser colocada em prática.

#### MACHADINHA DE NOÉ

Aviso do Padre Cícero Romão Batista sobre os principais acontecimentos do fim do Mundo  
(1931)

Meus caros amiguinhos, é chegado o último momento de dar-vos o meu aviso a todos os habitantes da face da terra, como os sinais prediletos por Nosso Senhor Jesus Cristo, antes da sua sagrada morte paixão, convertei-vos e arrependei-vos dos vossos grandes pecados. Disse: Nosso Senhor Jesus Cristo, quando vires, pestilências, fomes, guerras, revoluções, nação contra a mesma nação, reino contra reino, que são as novas formas de governo, repúblicas, ditaduras, belchevismo ou comunismo, como hoje está convertida a Rússia em um governo anti-cristão, forma de governo esta que brevemente se espalhará por toda face da Terra, terremotos, inundações, coisas espantosas, diversos fenômenos, estas coisas são princípios de dores, e sinais do fim do mundo, ou destruição dos homens sobre toda a face da Terra, tudo isso devido ao pecado e a corrupção, cada dia os homens vão se afastando de Deus e de sua santa religião, o que amam os homens de hoje? A vaidade, a orgia, as riquezas e a toda sorte de corrupção, disse, Jesus Cristo, que nos últimos tempos havia de multiplicar-se a iniquidade e o amor de muitos havida de esfriar; quer dizer que a santa religião cristã será abandonada, a Terra atualmente está cheia de falsas religiões de falsos profetas, de falsos cristos as doutrinas anti-cristãs estão sendo propagadas em toda parte tal como a tal espiritismo ou fetichismo moderno levantado em todos os países do mundo, tudo isso são os verdadeiros sinais do fim do mundo porém disse Jesus Cristo, que o evangelho do reino de Deus seria pregado em todo o mundo, que é a religião cristã, então chegai o fim, olhe! Que estou os avisando! Convertei-vos e arrependei-vos hoje mesmo, que é chegado o tempo do juízo final e do ajuste de contas, e quem não se arrepender mais tarde corará sem remédio, ai de vós pecadores, ai!

Este trecho do documento supracitado é bastante claro no sentido de intimidar com as ameaças do fim dos tempos aqueles que ainda não se converteram ou andam no pecado no

<sup>4</sup> Esse documento é tão importante para os penitentes, que eles distribuem, nas romarias e datas religiosas em Juazeiro do Norte, fac-símiles tanto da Missão Abreviada, quanto da Machadinha de Noé. É um aspecto que consideramos muito importante, pois apesar do pouco, ou nenhum letramento oficial, os penitentes utilizam-se muito bem dos recursos gráficos para construir a sua missão.

mundo terreno. É importante compreender que esses ensinamentos são transmitidos fielmente entre os penitentes, os seus discursos públicos estão cheios de referências que foram citadas Machadinha de Noé.

E aqui estamos e vamos seguir como filhos de deus, a missão de Padre Cícero, não tenha medo de representar esses voti, mas se for para pegar minha entrevista aqui e tocar pra dentro de bruxaria, de macumba, de espiritismo, de protestantismo, de maçonaria, para criticar a missão de Padre Cícero, da penitência da mãe de deus, da santa cidade, se prepare que o castigo vai aumentar. Então não leve minha presença viva com o pai, o filho e o espírito santo para colocar nessas imundiças de espiritismo, protestantismo, maçonaria, tudo o que não presta contra a Igreja Católica Apostólica Romana; se for para fazer isso, eu peço a vocês pelo amor de deus: vão ganhar dinheiro por outra coisa. Mas a custa dessa pregação não. Agora se for para dar testemunho, me ajudar, levar para o Brasil e para o estrangeiro ai pode representar e ganhar lá o seu real, que o realzin serve a nós também.<sup>5</sup>

Os Aves de Jesus em seus discursos públicos atraem uma grande quantidade de pessoas, movidas talvez pela curiosidade ou pela mesma crença por eles apregoada, e essas pessoas constroem também as suas representações sobre qual seriam as funções dos penitentes desse grupo, de onde eles vieram, qual o seu nome. Na maioria das entrevistas que realizamos (de 20 entrevistas com pessoas que não participavam do grupo, 15 delas) chamam o grupo de “Borboletas Azuis”, referência a um movimento religioso ocorrido em 1970 em Campina Grande, Paraíba; onde seus integrantes vestiam-se com túnicas na cor azul e proclamavam pelo fim do mundo por um dilúvio. Os penitentes peregrinos públicos contestam energicamente essa origem.

As **representações** construídas através das práticas dos Aves de Jesus, são uma mescla de elementos escritos e histórias colhidas a partir da oralidade, de onde vem a interpretação característica a qual torna o seu grupo único, uma síntese de elementos que desemboca em uma única ideia: a mortificação corporal e espiritual para a redenção dos pecados e “amansamento” da ira divina. Sandra Jatahy Pesavento comenta sobre o conceito de representações:

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar desse mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de práticas e condutas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão

---

<sup>5</sup> Depoimento de João José Aves de Jesus. Entrevista realizada no dia 02 de Novembro de 2012



sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade (PESAVENTO, 2008, p. 39).

Tal conceito fica evidente na fala do penitente João José Aves de Jesus. Quando o indaguei sobre o “eminente” fim do mundo e se era um castigo de Deus, ele formulou uma resposta que contempla vários dos elementos elencados anteriormente: passagens bíblicas, a Missão Abreviada, o temor apocalíptico da Machadinha de Noé e o temor dos tempos que vivemos:

Ele vai sim. Ele já acabou a primeira vez? Então ele acabou por que... o antigo testamento começou com Adão e Eva, e terminou com Noé. Quer dizer, quatro mil anos de existência, de geração, crescendo e multiplicando as famílias. Quer dizer, aí vão se desviando da missão sem querer assumir os compromissos com Deus, dentro dos mandamentos, aí seguindo um mundo de pecado, de ilusão, que nem tá hoje. Então Deus quando viu os atrevimentos da geração, desobedecendo a ordem de Deus, para obedecer a ordem da serpente. E aí Deus quando viu isso, disse: aí eu vou mandar um aviso para os meus filhos que somos nós né? A geração toda né? Não somos filhos de Deus? Deus não é nosso pai? Aí Deus disse assim ó: eu vou mandar um aviso para os meus filhos, para minha família, eu vou mandar um aviso para eles. Eles tão tudo errado. Tô procurando eles ligados na minha pessoa e não tô encontrando. Tão é se ligando numa fera, num dragão que se chama serpente. E eu vou dar um aviso a eles para que eles saiam, desencarnem esse Satanás. Dessa serpente, desse dragão. E se liguem na minha missão e nos meus mandamentos. Aí chamou Noé, “vem cá Noé meu fi”. Quando Noé veio: “senhor meu pai”; Deus: “vou mandar um aviso pra teus irmãos. Tu vai dar meu aviso?” Noé: “vou meu pai, o senhor não está mandando?”. Aí Deus disse: “diga lá aos seus irmãos que se desliguem do pecado, se desliguem da serpente, e escutem a minha voz, e vamos seguir minha missão, vamos seguir meus mandamentos e a minha devoção”.<sup>6</sup>

É importante lembrar, que os documentos escritos ganham uma resignificação no imaginário coletivo do grupo, e é esse fator que torna sua interpretação totalmente nova e surpreendente. É perceptível como existe uma interpretação característica das escrituras e dos ensinamentos da Igreja. A instituição Católica Romana não reconhece esses grupos enquanto irmandades oficializadas, mas sim, um grupo de leigos, católicos, não oficializados. Apesar desse não reconhecimento, os penitentes exibem uma devoção assídua à Igreja Católica, segundo eles, o único caminho para o céu.

Quando indagado sobre o que amenizaria os castigos de Deus e se ele ainda castiga hoje, o penitente responde sem hesitar:

---

<sup>6</sup> Depoimento de João José Aves de Jesus. Entrevista realizada no dia 02 de Novembro de 2012.

Os penitentes, se seguir os mandamentos, não faz gosto da serpente não. Só faz os gosto de Deus. Entendeu? E outros que enxergarem a penitência, e a devoção a deus, pode se salvar, mesmo que não seja penitente. Entendeu? Sem ser penitente. Pela conversão pra Igreja. Deus liga ele na verdade e tem o fogo do purgatório para fazer lembrar depois da morte.

[Hoje] Não castiga tanto, por que somos nós que fazemos acontecer os castigo. Viu? Deus não tem castigo para nós, mas ele tem Justiça. Agora o castigo quem constrói somos nós. Ai não somos merecedores do céu enquanto não se imendarmos a deus. Ai deus coloca nós dentro do conhecimento dele, para nós receber castigo. Por que agente construiu.<sup>7</sup>

Em várias entrevistas e conversas informais que realizamos tanto com penitentes, como com católicos em geral, a palavra “castigo” é bastante evitada, apesar de que (como demonstra a fala do penitentes e tantas outras temáticas trabalhadas até aqui) a lógica é que essa divindade castiga: inferno, purgatório, pestes, seca, são todas interpretadas como castigos de Deus, ou sua justiça. Não cabe a esse trabalho verificar a veracidade ou não de cada manifestação dessas como um agente da cólera divina, mas tentar compreender historicamente o impacto dessa ideia sobre o grupo estudado. O medo gerado por tal ameaça ainda é hoje um excelente mote para assegurar a permanência de vários fiéis sob os seguros muros da igreja.

### 3 - FONTES E REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

#### 3.1 - Fontes

Jornal *A Voz da Religião no Cariri* (1868 – 1870). Acervo digital do Centro de Documentação do Cariri (Crato-CE).

COLTO, Manoel José Gonçalves. *Missão Abreviada: para despertar os descuidados converter os pecadores e sustentar o fructo das missões*. 6.ed. Porto: Tipografia de Sebastião José Pereira, 1868.

#### 3.2 - Bibliografia

ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira. **Quando o “anjo do extermínio” se aproxima de nós: representações sobre o cólera no semanário cratense *O Araripe* (1855 1864)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa), 2010.

---

<sup>7</sup> Entrevista, Idem.

CARVALHO, Anna Chistina Farias de. **Sob o signo da fé e da e da mística: um estudo das irmandades de penitentes no Cariri cearense**. 1. Ed. – Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

DELUMEAU, Jean. **A história do Medo no Ocidente (1300 – 1800)**. São Paulo. Paz e Terra. 4º Edição: 1984

DEMURGER, Alain. **Os Cavaleiros de Cristo: Templários, teutônicos, hospitalários e outras ordens militares na Idade Média (sec. XI – XVI)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002.

NETO, Lira. **Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOBRE, Edianne dos Santos; ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira. “A missão abreviada: práticas e lugares do bem-morrer na literatura espiritual portuguesa da segunda metade do século XIX”. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano IV, n. 10, Maio 2011

PAICE, Edward. **A ira de Deus: a incrível história do terremoto que devastou Lisboa em 1755**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RAMOS, Dari. “Os jesuítas e instrumentalização do medo nas reduções de Guaranis no século XVII”. **Revista História, imagem e narrativas**. Nº 4, ano 2, abril/2007.

#### 4 – ANEXO



Foto: Penitente João José Aves de Jesus no Cemitério do Socorro (Juazeiro do Norte-CE), no dia 02 de Novembro de 2012. Na foto segura a “missão abreviada”. Foto: Roberto Viana.